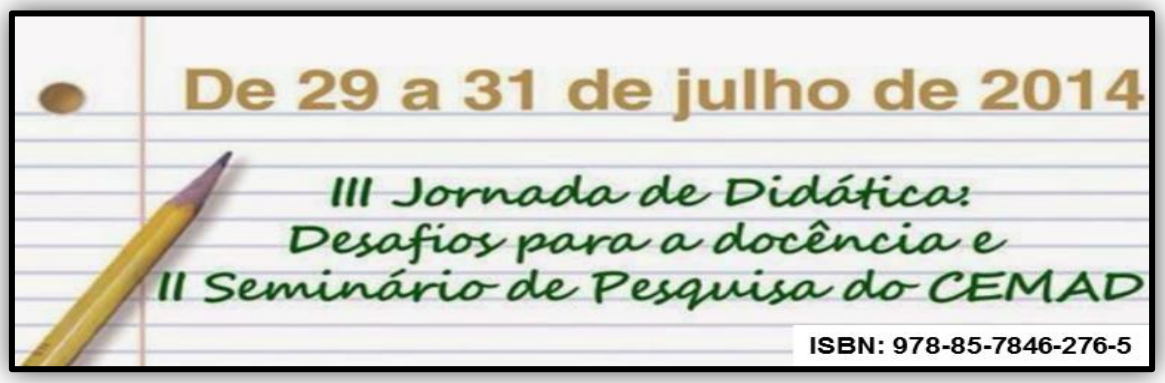

A ÓTICA DOCENTE SOBRE O USO DO MAPA CONCEITUAL COMO INSTRUMENTO DE REGULAÇÃO E AUTORREGULAÇÃO

MARTINS, Nathalia
Universidade Estadual de Londrina
nathaliamartins92@hotmail.com

MORAES, Dirce Aparecida Foletto de
Universidade Estadual de Londrina
dircemoraes2007@gmail.com

SANTOS, Nayara Aparecida dos
Universidade Estadual de Londrina
nayarasantos91@hotmail.com

Eixo Temático: Didática e Práticas de Ensino na Educação Básica

Resumo:

Este artigo tem como objetivo compreender a concepção docente referente à regulação do ensino e a autorregulação da aprendizagem após a experiência do uso do mapa conceitual como instrumento avaliativo. Desta maneira, utilizou-se pressupostos da abordagem qualitativa, sendo assim, a pesquisa bibliográfica e de campo compõem o conjunto de procedimentos investigativos. Destarte, as reflexões são tecidas em torno do desenvolvimento desta experiência, na qual, por meio da concepção docente pode-se certificar que o mapa conceitual é um excelente recurso que auxilia na identificação das fragilidades da aprendizagem do aluno, na busca por superação desses obstáculos e na apropriação do conhecimento.

Palavras-chave: Professor. Regulação. Mapa Conceitual

Introdução:

O presente texto é fruto de uma proposta realizada no Programa OBEDUC (Observatório de Educação): “Da avaliação à regulação do ensino e à autorregulação da aprendizagem: concretizando possibilidades” (UEL - PR), cujo objetivo é incentivar estudos e pesquisas em educação e, desta maneira, articular o trabalho entre professores e alunos da rede pública da Educação Básica do município de Londrina, docentes, graduandos e pós-graduandos do departamento de Educação da Universidade Estadual de Londrina, assim, as discussões realizadas no referido programa instigou a busca e a utilização de instrumentos avaliativos diversificados que possam oferecer aportes positivos à aprendizagem.

Neste contexto, o trabalho realizado com o uso do mapa conceitual, o qual é um instrumento avaliativo capaz de possibilitar a reorganização da prática pedagógica, na qual pode possibilitar uma aprendizagem significativa ao favorecer, aos discentes, indicadores sobre suas dificuldades e os caminhos que precisam percorrer para a superação destas e ao professor, as fragilidades na aprendizagem e as alterações necessárias em sua prática, para concretizar assim uma avaliação formativa e consequentemente uma aprendizagem significativa do educando e o repensar da prática do professor, pois Moreira (1997, p.1) aponta que os mapas conceituais são “[...] representações concisas das estruturas conceituais que estão sendo ensinadas e, como tal, provavelmente facilitam a aprendizagem dessas estruturas”.

Diante de tais contribuições, o interesse em relação aos mapas conceituais tem se intensificado no contexto escolar. No entanto, o uso desta ferramenta requer uma compreensão sobre as possibilidades que oferece em sala de aula. Desta maneira, os professores participantes do OBEDUC se dispuseram a experimentar o mapa conceitual em suas aulas a partir da formação que tiveram nas oficinas sobre a temática no ano de 2013.

Assim, o presente trabalho consiste em um relato de experiência referente ao uso de mapas conceituais enquanto instrumento avaliativo na disciplina de Educação Física vivenciado por uma professora participante do OBEDUC e sua turma do 3º ano do Ensino Médio de uma escola pública estadual situada na zona norte do munícipio de Londrina - PR. Em específico a concepção da professora regente sobre o uso do mapa conceitual como instrumento de regulação do ensino e autorregulação da aprendizagem.

Referencial Teórico:

O pensar em uma formação continuada que atenda as necessidades dos professores e que possa contribuir para a prática em sala de aula é extremamente importante, entretanto em suma estes aspectos não são considerados no momento em que são ofertados diferentes cursos de formação continuada. Neste sentido, o discutir sobre formação continuada é necessário, um repensar sobre as quais tem como foco cursos em pacotes fechados com fins instantâneos, os quais o próprio docente não compreende ao certo qual é a destreza, o intuito desta formação.

Em suma a principal característica destas formações aligeiradas é que os professores ficam apenas ouvindo sem nenhuma participação, assim há transmissão de uma gama de informações fragmentadas, na qual o docente não transcende tais conhecimentos para sua prática, pois não há reflexão, isto é, sentimento de pertença em relação aos assuntos trabalhos, desta forma os docentes direcionam um olhar para a prática de forma reta, e não de forma ampla, que possibilita várias visões de mundo.

Assim, compreende-se que a formação continuada não pode acontecer de maneira desconexa, como algo que vem pronto, acabado apenas para ser aplicado em alguns encontros esporádicos, é necessário que a formação leve em consideração o contexto específico em que adentra, pois:

> [...] a formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de autoformação participada. Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projetos próprios, com vistas à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional (NÓVOA, 1991, p.25).

Para tanto, a formação precisa ser entendida como um processo que possibilite um pensamento analítico sobre a teoria e a prática, “capaz de fazer o professor pensar sistemática e continuamente sobre seu trabalho, de forma contextualizada, crítica e construtiva (colocando) o professor como um sujeito de práxis” (FARIAS, et all., 2009, p. 68).

Desta maneira, propor um processo de formação sem a possibilidade de pensar sobre a prática faz pouco sentido, não provoca conflitos, dúvidas ou

novas aprendizagens e pouco pode se esperar em termos de mudanças, por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. “É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (FREIRE, 1996, p. 39).

Materiais e Métodos:

Na perspectiva, de que a formação continuada deve ser um processo no qual o professor seja protagonista para que possibilite a reflexão sobre a prática, o programa OBEDUC dentre as várias atividades, no segundo semestre de 2013 propôs oficinas de formação continuada para professores atuantes na Educação Básica da região metropolitana de Londrina- PR. Este processo formativo teve como intuito encontrar caminhos para mudanças significativas em relação às práticas avaliativas.

As oficinas obtiveram a participação de 80 professores, e os encontros ocorreram uma vez por mês, aos sábados com o tema central: Avaliação da Aprendizagem, com ênfase no instrumento mapa conceitual. Para tanto, por meio do trabalho realizado nestas oficinas, os professores foram desafiados a experimentar, em suas práticas, um pouco do que estavam vivenciando nas oficinas do OBEDUC.

Pois, ao participarem das oficinas, os professores tiveram um espaço para a construção de novos saberes, bem como a elaboração e discussão de novos fazeres, práticas e reflexões referentes à avaliação da aprendizagem e o uso dos mapas conceituais em sala de aula.

Assim, proposta foi executada por uma professora de Educação Física participante das oficinas de formação continuada ofertadas pelo programa OBEDUC intitulado. Desta maneira, o contexto no qual a pesquisa foi desenvolvida consiste em uma escola estadual situada na zona norte do município de Londrina- PR que oferta Ensino Fundamental e Médio, nos períodos matutino, vespertino e noturno atendendo aproximadamente 1.100 alunos.

A experiência com os mapas conceituais aconteceu em uma turma de 3º ano do Ensino Médio, na disciplina de Educação Física do período noturno, na qual é composta por 18 estudantes. O trabalho foi realizado no 4º bimestre, durante 4 horas-aula. Desta maneira, a turma foi dividida em cinco grupos, responsáveis pela produção de um mapa conceitual. O conteúdo trabalho foi ritmos musicais, o qual era foco do plano de trabalho docente da referida professora.

Sendo assim, os estudantes estavam divididos nos seguintes temas: Carimbó, Funk, Frevo, Sertanejo e Siriri, posterior a divisão os mesmos realizaram como tarefa uma pesquisa sobre o tema proposto, na aula seguinte entregaram a mesma e realizaram um ciclo de debates sobre os temas pesquisados, neste momento a professora sanou dúvidas, e realizou a explicação das especificidades de cada tema, posterior a isto, os estudantes selecionaram, palavras-chave de acordo com a análise de relevância no conteúdo. Consequentemente foi proposta a elaboração e apresentação do mapa conceitual, que aconteceu de maneira dinâmica e colaborativa.

Para tanto, a pesquisa realizada amparou-se nos pressupostos da pesquisa qualitativa, pois considera a realidade como importante fonte de dados, pela riqueza de situações, circunstâncias e pessoas. Isso porque o "termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair deste convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível" (CHIZZOTTI, 2006, p. 28). Outro fator importante relacionado à pesquisa refere-se à abordagem exploratória, pois, tem como objetivo proporcionar "uma visão geral de um fenômeno" (GIL, 2002, p. 28).

Assim, com o intuito de investigar a concepção docente referente à regulação do ensino e a autorregulação da aprendizagem na disciplina de Educação Física, após, a experiência com o uso do mapa conceitual, solicitamos que a regente da turma participasse de uma entrevista semiestruturada, pois, este instrumento "[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]" além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (TRIVIÑOS, 1987, p. 152), a entrevista

semiestruturada teve como objetivo norteador compreender a concepção docente referente à regulação do ensino e a autorregulação da aprendizagem após a experiência com o uso do mapa conceitual como instrumento avaliativo. Cabe mencionar que preservamos a identidade da participante da pesquisa. Utilizamos código para nomeá-la, sendo que a letra “P” se refere a “professora”.

Resultados e Discussões:

Ao analisar os dados coletados, constatou-se que o trabalho com mapas conceituais em sala de aula, é algo diferente, que não faz parte da metodologia que o professor utiliza regularmente. Neste sentido, inicialmente a professora sentiu-se insegura, mas arriscou-se nesta nova proposta. Assim, após a experiência a docente afirma que:

> No começo eu fiquei um pouco apreensiva, porque eu fiquei com receio de não conseguir fazer com que eles entendessem, entrassem na proposta da atividade, mas depois eu percebi o retorno, a forma que eles fizeram que eles responderam com o trabalho foi uma forma diferente e eles também gostaram, eles perceberam que ficou fácil de absorver o conteúdo. (P)

Por meio da afirmação da docente pode-se perceber que a professora sente-se receosa de despir-se de suas crenças já consolidadas e aventurar-se em novas crenças. No entanto quando isso ocorre e o professor sente-se satisfeito e percebe que a nova crença dá certo, ele altera sua prática, pois percebe que a metodologia diferenciada foi significativa, propiciando a interação dos estudantes com o conteúdo trabalhado.

Com o objetivo de saber como a professora se enxergava durante a proposta realizada, foi perguntado: “Qual é o papel do professor na aplicação do mapa conceitual” A resposta foi:

> O professor, ele é a orientação, mediação do aluno, ele vai dar o norte para o aluno. Porque a avaliação ela vai acontecer durante o processo, assim o professor tem estar presente o tempo todo, tem que estar junto, pra dar segurança para o aluno, pra nortear o trabalho dele, porque no final do mapa conceitual a gente percebe o desenvolvimento do aluno e também os aspectos que precisa melhorar. (P).

Ao analisar a fala acima, percebe-se que a prática da avaliação formativa só é possível de se tornar realidade com a implantação de um novo fazer docente, no sentido de reorganizar e mudar a prática pedagógica sempre que necessário para garantir a aprendizagem e entender que seu papel é o de acompanhar a caminhada do aluno. A tarefa do educador não consiste apenas em ensinar para o aluno aprender, mas em acompanhar essa aprendizagem e a qualidade da mesma. Assim Luckesi (1993, p.115) expressa que:

> [...] educador é aquele que, tendo adquirido o nível de cultura necessário para o desempenho de sua atividade, dá direção ao ensino e aprendizagem. Ele assume o papel de mediador entre a cultura elaborada, acumulada e em processo de acumulação da humanidade.

Com o contexto apresentado, é necessário refletir sobre a possibilidade do uso do mapa conceitual como instrumento avaliativo, assim com o objetivo de identificar se o mesmo pode auxiliar na regulação do ensino e autorregulação da aprendizagem, indagou-se a docente se há esta possibilidade, e de que maneira ela identificou isso, a professora afirma que:

> Com certeza, pode ajudar e muito, por que percebi desde o início na pesquisa com o tema que dei para eles, os alunos tentavam entender o conteúdo e agora com a construção do mapa, eles tentavam entender o conceito, tinham que relacionar compreender pra fazer, é muito bom o mapa é um excelente instrumento, faz os alunos refletirem, reavaliarem o que sabem, o que precisam melhorar. Além de ser ótimo para o professor também, porque assim visualizo melhor o desenvolvimento e as lacunas do conhecimento. (P).

A partir da resposta da professora pode-se afirmar que é possível entender o mapa conceitual como uma ferramenta eficaz, pois, tem a capacidade de possibilitar ao professor e ao aluno informações relevantes sobre seus progressos e suas permanências, indicando, em consequência, possibilidades de ação futura. Esta ferramenta coloca o aluno na situação de protagonismo no contexto pedagógico.

Desta maneira, este instrumento avaliativo caracteriza-se por auxiliar os atores a compreenderem a realidade e pensarem em alternativas concretas para a superação dos obstáculos encontrados no caminho, possibilitando ao

estudante o exercício da autoavaliação e da autorregulação e ao professor o replanejamento da sua prática propiciando a regulação do ensino.

Destarte, questionou a professora regente sobre a influência de ter participado das oficinas para professores do Programa OBEDUC com o propósito de constatar a eficácia de uma formação continuada que propicie ao docente uma reflexão sobre sua prática, isto posto, a docente relatou que:

> Quanto a formação continuada foi muito bom! Porque eu percebi com o curso que podia aplicar o mapa na minha aula e com esta aplicação os alunos demonstraram facilidade, eles demonstraram muita facilidade na resposta sobre o conteúdo. Então o curso fez com que eu acordasse sabe! (P)

O processo de formação continuada assume um papel muito importante entre os educadores, pois ao possibilitar discussões, troca de experiências, partilha dos problemas enfrentados em sala de aula, oportuniza ao professor ampliar seu conhecimento teórico, dá subsídios e mais segurança para tomar suas decisões.

Assim ao repensar sobre esta prática realizada em sala de aula, indagou-se após a experiência, há possibilidade de uma continuidade no uso do mapa conceitual como instrumento avaliativo na disciplina em que atua, e a professora apresenta o seguinte discurso:

> Sim, esse ano mesmo, eu tenho no meu planejamento já! Coloquei no planejamento avaliação com Mapa Conceitual, inclusive em algumas turmas já comecei a esboçar já, o que eu quero, e acredito que vai ser uma forma, em certas turmas, de favorecer, que eles compreendam o conteúdo, quero fazer uma experiência com outras turmas, porque percebi que esse instrumento é significativo e com a mediação do professor e junto com os alunos o conteúdo pé problematizado e consequentemente compreendido.

Com a afirmativa da professora, percebe-se que a participação das oficinas de formação continuada propiciadas pelo Programa OBEBUC, foram significativas para a professora e fizeram com que a mesma repensasse sobre a prática docente, isto é, relacionasse a formação continuada com a atuação docente, fazendo da sua prática, uma práxis, pois “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. (FREIRE, 1996, p. 22).

Considerações Finais:

Com a análise da concepção docente constata-se que a experiência com o uso do mapa conceitual em sala de aula foi gratificante, pois permitiu que a professora regente vivenciasse e compreendesse que é possível e de extrema relevância utilizar um instrumento avaliativo que permita alterações nas práticas em sala de aula.

Isto posto, percebe-se, que o repensar sobre a formação continuada e assim trabalhar de maneira compassada, na qual o professor seja protagonista neste processo, e que por meio deste consiga estabelecer um elo entre a teoria e a prática em sala de aula, pois é este o intuito da formação continuada, o repensar a ação docente.

Neste sentido, exprime-se que os conhecimentos adquiridos durante as oficinas ofertadas pelo Programa OBEDUC serviram de notáveis aportes ao trabalho docente, pois auxiliaram na reflexão sobre sua atuação e a atuação discente, na qual se compreendeu que "a capacidade para aprender está intimamente relacionada à capacidade para autorregular a aprendizagem" Sanmartí (2009, p. 51), isto é, a partir do momento em que predomina a investigação pelo próprio educando de suas dificuldades, daquilo que não foi compreendido e ocorre a busca autônoma por saná-las, prevalece o fator relevante a aprendizagem, vivenciado com o emprego dos mapas conceituais.

Com esta compreensão o professor consegue planejar estratégias que instiguem este aluno, assim como a experiência com o uso do mapa conceitual, o qual propiciou uma vivência pedagógica construtiva para a professora que contou com um instrumento que auxilia na regulação do ensino e aos alunos que puderam ter uma nova vivência referente à avaliação da aprendizagem, contando com aspectos referentes à autorregulação.

Referências:

CHIZZOTTI, A. **Pesquisas qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2006.

FARIAS, I. M. S. et al. **Didática e docência:** aprendendo a profissão. Brasília: Liber Livro, 2009.

FREIRE,Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e terra, 1996.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

HADJI, Charles. **Avaliação Desmistificada.** Porto Alegre. ARTMED,2001.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da educação coleção magistério** 2ºgrau. Série formação do professor. 21 Ed. São Paulo: Cortez, 1993.

_____, Cipriano Carlos. Avaliação da Aprendizagem Escolar. Cortez, 2005.

MOREIRA, Marco Antonio. **Mapas conceituais e aprendizagem significativa**. 1997. Disponível em: <http://www.if.ufrgs.br/~moreira/mapasport.pdf> Acesso em: 27 nov. 2013.

NOVAK, J.D. and GOWIN, D.B. (1984).Learning how to learn. Cambridge, Cambridge University Press.

NÓVOA, Antonio. **A formação contínua de professores:** realidades e perspectivas. Aveiro: Universidade de Aveiro, 1991;

SANMARTÍ, Neus. O mais importante é aprender a se autoavaliar. In:**Avaliar para aprender.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.